



DeCool

A revolução dos
beagles.

Paulo César de Araújo: “Meu livro vai
voltar”.

Você é um *follow
upper*?

Bárbara Evans

A revista de
sempre
bonita como
nunca

BeCool



SEÇÕES E COLUNAS

4 | CARTA AOS LEITORES

5 | MULHERES QUE AMAMOS

Flávia Alessandra

6 | SETLIST

Agregam valor

7 | ROTEIRO SP

Novembro de 2013

40 | CRÔNICA

Menalton Braff e Schopenhauer

41 | REFOGADO

Marcio Alemão e sua rotina

42 | CHARGE

MATÉRIAS

8 | A REVOLUÇÃO DOS BEAGLES

No mundo ideal todos serão iguais, mas uns serão mais iguais que outros

12 | O GUIA DO SLIM FIT

Saiba diferenciar esse estilo das roupas simplesmente apertadas

16 | 3 DRINKS PARA A PRIMAVERA

Descobrimos o que é mais legal para beber na estação

20 | VOCÊ É UM FOLLOW UPPER?

Saiba monitorar todos os processos sob sua responsabilidade

22 | ENTREVISTA

Paulo César de Araújo

26 | ENSAIO

Bárbara Evans

38 | É CULPA DO HOMEM?

Por que as mulheres fingem o orgasmo?

ENTRE EM CONTATO

Facebook: RevistaBecool

Twitter: @becoolmagazine

E-mail: adngui@gmail.com

Carta aos leitores

Tudo outra vez

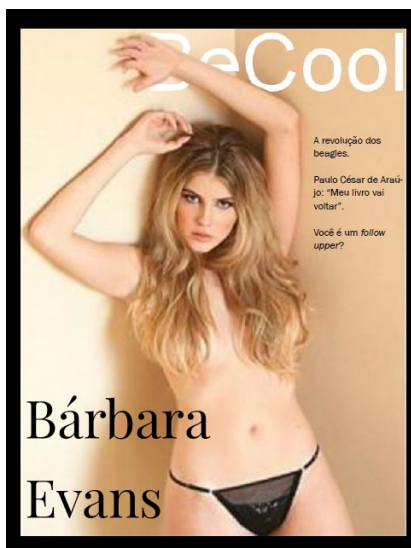
No último dia 8, a Zeen.com, plataforma que deu origem à revista BECOOL, foi tirada do ar pela Avos, empresa pertencente aos fundadores do YouTube que administrou por cerca de um ano a plataforma que permitia aos seus usuários fazer publicações digitais similares a revistas que fossem capazes de incluir vídeos, fotos e links.

A Zeen saiu do ar um mês depois do nosso aniversário de um ano, mas já havia desativado as ferramentas

de criação e edição de publicações alguns dias após ir ao ar a BECOOL 13. Pensamos em parar, dar um tempo até conseguirmos capital pra ter uma plataforma nossa. Quem sabe voltar com a TELEZINE, só que impressa e bancada pela publicidade. No entanto, pensamos melhor. E pensamos ainda melhor depois. Chegamos à conclusão de que um desafio assim iria definir se nosso futuro seria mesmo tão brilhante quanto prevíamos em setembro de 2012.

Tínhamos duas escolhas: desistir e ver tudo que construímos ir abaixo, ou seguir em outra plataforma, talvez pior, talvez parecida com a de uma revista impressa, mas continuar e contornar a situação. Correndo o risco de fazer esta revista parecer antiquada, optamos por fazer uma revista real, pensada para se ler online, mas que poderia muito bem ser impressa. Decidimos começar tudo outra vez.

Esta revista que terminamos dia 10, está indo ao ar por outra plataforma: o Issuu.com, site americano que hospeda publicações de seus usuários em uma plataforma de flip. Desenvolvemos esta edição usando o Microsoft Publisher, ferramenta que vem junto com o pacote Office.



Talvez na próxima edição não o usemos mais, já que um pedaço da nossa área de informática passa por dificuldades técnicas. Fizemos das tripas coração e terminamos esta edição.

A principal novidade é a concepção visual da revista. Não mudamos apenas as fontes dessa vez, já que mudamos de plataforma. Todo o conceito visual da revista mudou. A capa está mais profissional, as seções e colunas se diferenciam do resto da revista, pela primeira vez nos demos ao luxo de

incluir um índice e escolhemos as fontes entre um leque imenso de opções, nos permitindo focar naquilo que queríamos passar. A revista, esperamos, vai agradar aos olhos de quem lê.

E para tudo correr bem, a estrela de capa é Bárbara Evans, ex-fazendeira filha de Monique Evans, que destila beleza e sensualidade em um ensaio magnífico. Tem também a resposta a uma pergunta muito pertinente: de quem é a culpa pelos orgasmos fingidos? Do homem ou da sociedade?

Na linha de reportagens sérias, temos um artigo sobre a revolução por trás da causa dos beagles e uma entrevista com Paulo César de Araújo em que ele afirma que sua biografia sobre Roberto Carlos ainda vai voltar. Tem também um guia para usar o *slim fit*, drinks para a primavera, dicas para se tornar um follow upper e melhorar sua carreira, Flávia Alessandra em "Mulheres que amamos", uma setlist que agrega valor ao camarote, o roteiro de São Paulo no mês, uma charge e as colunas de Menalton Braff e Marcio Alemão.

Está no ar a BECOOL 14. Mais bonita e instigante como sempre. Enjoy it!

A close-up portrait of actress Flávia Alessandra. She has long, wavy, light brown hair and is looking directly at the camera with a slight smile. She is wearing a white top. The background is a soft, out-of-focus grey.

Flávia Alessandra

Depois de sofrer muito na pele da veterinária Livia, em *Salve Jorge*, Flávia Alessandra finalmente teve motivos para comemorar nos capítulos finais da novela. A atriz terminou o folhetim beijando Otaviano Costa, seu marido na vida real. Com o ator, Flávia é mãe de Olivia, de 2 anos, mas a atriz tem também Giulia, de 13 anos, como filha, fruto do casamento com o ator e diretor Marcos Paulo. Apesar da família recheada, ela ainda planeja mais um filho com o atual marido. Mesmo com sua postura de mãe de família Flávia Alessandra, que hoje completa 39 anos, exibe um corpo de tirar o fôlego.

A atriz estreou na TV com a novela *Top Model*, em 1989, depois de participar do concurso do *Domingão do Faustão*. Na ocasião ela desbancou Adriana Esteves e Gabriela Duarte. Porém, as três acabaram ganhando espaço na novela.

Em 2001, viveu a sua primeira protagonista em horário nobre, a Livia de *Porto dos Milagres*. Mas o maior sucesso da atriz veio em 2007, quando interpretou a sensual Alzira na novela *Duas Caras*. Com 33 anos, neste mesmo ano, Flávia Alessandra fez muitos marmanjos babarem com seu ensaio na revista *Playboy*.

Agregam valor

Há alguns dias do fechamento desta edição, a “Veja SP” soltou a pior meme do ano (sabemos que era difícil passar o Harlem Shake, mas eles conseguiram): o “rei do camarote”, um sujeito rico e, digamos, intelectualmente atrasado que ensina as pessoas a valorizarem a si próprias nos camarotes vip do mundo. Não vimos o vídeo porque preferimos concluir esta revista (e jogar PlayStation na redação), mas inspirados pela ideia de agregar valor ao camarote decidimos fazer a nossa setlist com músicas que, só de ouvir, vão te valorizar muito no camarote — e fora dele.



4. The Black Eyed Peas — I Gotta Feeling

Além de ser uma música bem dançante que faz a “mulherada” “se jogar”, a música do bem sucedido grupo de hip hop expressa o sentimento que você é obrigado a ter nas noites de sexta e sábado — de que a noite vai ser boa. No mais, o decote da Fergie já é capaz de te distrair por um bom tempo.



2. Corona — Rythm of The Night

Essa música é um clichê das noites — e nada melhor pra agregar valor ao camarote do que ser clichê de vez em quando. Essa música é bem contagiante e pode ser usada em qualquer situação da noite. É sem dúvida o ritmo da noite.

1. Miley Cyrus — Party In The USA

Convenhamos: essa música tem a cara de um rei do camarote. É em inglês, é dançante, fala de festas, faz referências aos EUA e é amada pelas mulheres, incluindo as que você quer “pegar”. Sem dúvida, primeiro lugar pra ela. (Homenagem à EMEF Miley Cyrus)



5. Michael Gray — The Weekend

Nenhum rei do camarote que se preze deixa passar em branco a chegada do fim de semana. Para agregar valor, é preciso estar ansioso pela hora de ir à festa com os amigos (você tem amigos, diferentemente, do rei da “Veja SP”) e a música de Michael Gray traduz isso em uma música contagiante de house music e mulheres de lingerie. Nada melhor pro fim de semana começar.



3. Zedd ft. Foxes — Clarity

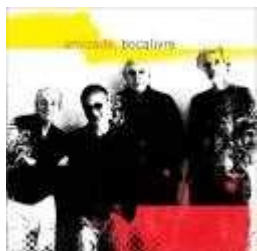
Nem tudo é uma ode ao fim de semana e à noite. Para agregar valor é preciso falar de amor incompreendido, ainda que por cima. Felizmente, a música eletrônica nos dá belas inspirações, como essa contagiante, dançante e “profunda” música que leva nossa medalha de bronze. “Se nosso amor é doença, por que você é o meu remédio?” Nada melhor pra uma “mina” se derreter.





Filme: Lira Paulistana e a Vanguarda Paulista

Criado no final dos anos 1970, o Teatro Lira Paulistana foi o espaço que acolheu os nomes da vanguarda musical, literária e de artes plásticas da época. Titãs, Itamar Assumpção e Grupo Rumo passaram pelo local. O documentário entrevista diversas pessoas que frequentavam o casarão, no intuito de descobrir a relevância histórica e cultural das obras de arte produzidas na época.



CD: Amizade, de Boca Livre

(Universal, R\$ 25) Boca Livre, grupo fundado em 1978 lança "Amizade" para celebrar mais de três décadas de parceria musical, com um repertório renovado a partir de renovadíssimo garimpo realizado por Maurício Maestro (contrabaixo, violão e vocal). O repertório traz canções compostas por Zé Renato, Maurício Maestro, Marcos Valle, Edu Lobo e Paulo Cesar Pinheiro, Tavinho Moura e Fernando Brandt, além de Dori Caymmi, com as participações especiais de Claudio Nucci e Marcos Valle.



Livro: O Chamado do Cuco, de Robert Galbraith

(Rocco, 448 páginas, R\$ 39) Um mistério elegante e emocionante impregnado da atmosfera de Londres - das ruas silenciosas de Mayfair aos pubs entocados do East End e à agitação do Soho - "O Chamado do Cuco" é um livro extraordinário, do autor Robert Galbraith (pseudônimo de J. K. Rowling). Apresentando Cormoran Strike, este é um romance policial clássico na tradição de P.D. James e Ruth Rendell, e marca o início de uma singular série de



Show: Guilherme Arantes

O cantor é o convidado do programa Notas Contemporâneas, do MIS. Ele participa de uma entrevista sobre sua carreira com o jornalista Cadão Volpato, enquanto músicos convidados também sobem ao palco para interpretar seus grandes sucessos. Dia 13, 20h no auditório do MIS. Av. Europa, 158 - Jardim Europa - Oeste. Telefone: 2117-4777. Aceita os cartões MasterCard, Visa. Ingresso: R\$ 4 (estudantes: R\$ 2).



Balada: Wish Club

A decoração com madeira escura dá um ar sofisticado ao lugar, similar ao público da casa. O trunfo do local, porém, é a pista que tem um imponente pé-direito de oito metros. O residente Diego Moura conduz os pick-ups, sempre com house. Sexta e sábado: a partir das 24h. Av. Juscelino Kubitschek, 1.726 - Vila Nova Conceição - Sul. Telefone: 3073-0889. Aceita os cartões Amex, Diners, MasterCard, Visa. Ingresso: R\$ 50 (mulher) e R\$ 200 (homem).



A REVOLUÇÃO **DOS BEAGLES**

No mundo ideal, homens, cães, ratos e pobres serão todos iguais, mas uns serão mais iguais do que os outros.

Por MATHEUS PICHONELLI

revistabecool.blogspot.com



T

empos atrás, escrevi neste site a história, real, de um cão que resolveu colocar o focinho em uma vasilha de plástico, ficou preso e saiu em disparada com o latido sufocado no recipiente (Leia clicando [AQUI](#)). De onde estava, vi metade da cidade se mobilizar para salvar o pobre que, no desespero, cruzava as ruas sem a menor prudência. Dava dó. O garapeiro, o guarda de trânsito, os motoristas e os casais de namorados: não houve quem, diante da cena, não se mobilizasse para arregaçar as mangas e salvar o animal. Foi daquelas provas de que a humanidade ainda tinha jeito: não perdeu a sua capacidade de sentir nem de transferir a sua humanidade a quem passa por apuros. É o que se chama de alteridade, ainda que o outro tenha rabos e patas.

Foi o que pareceu, também à primeira vista, o resgate na última semana dos cães da raça Beagle em um laboratório de testes em São Roque, no interior de São Paulo. Segundo as primeiras notícias, os cães estavam assustados e alguns, machucados. Em um país que só agora parece pegar gosto em se mobilizar para exigir direitos de naturezas múltiplas – da redução da passagem de ônibus ao fim da corrupção, da gripe e da maldade em todos os corações – o direito dos bichos virava uma pauta – digníssima, note-se. Ao que parece, é cada vez maior o número de pessoas indispostas a aceitar maus-tratos em animais. Um grande avanço para quem, até pouco tempo atrás, aprendia a cantar na escola um hino ao aniquilamento felino. Hoje, quem ousou um dia atirar o pau no gato não se elege nem para síndico do prédio – o vereador mais bem votado da maior cidade do País, por sua vez, tem o desenho de um cão, e não a sua foto, como bandeira de campanha.

A consolidação das leis

de proteção de animais e a construção de hospitais públicos veterinários são símbolos dessa transformação. (Dia desses, um vizinho bateu à porta da casa de minha mãe com uma ameaça: se o nosso gato voltasse a arranhar a lataria do seu carrão, o gato apareceria envenenado e morto em casa. Diante da gentileza, ela foi até uma delegacia da Polícia Civil e registrou o boletim de ocorrência. Saiu de lá com a garantia de que se o gato tivesse uma simples gripe a partir dali, o sujeito seria intimado, acusado, eventualmente processado e eventualmente preso por maus tratos. Sem direito a fiança. Ao menos na lei, o direito à humanização dos bichos prevalece sobre a humanização dos automóveis. E é bom que seja assim).

O episódio do resgate dos Beagles, no entanto, diz mais sobre o nosso encarceramento do que o dos bichos. Diz muito também sobre a alienação cultural em relação ao que nós mesmos consumimos e alimentamos. É mais ou menos como se, aos 30 ou 40 anos, alguém se chocasse ao descobrir como é que as crianças vieram parar no mundo. No caso, não as crianças, mas as vacinas, os medicamentos, os tratamentos, os testes. O que não deixa de ser curioso: nosso primeiro contato com as galinhas é uma caixa de isopor com doze ovos que não foram gerados espontaneamente em uma gôndola de supermercado. Tampouco o churrasco do fim de semana. O que os olhos não veem, dirão os despreocupados, o coração não sente, e não precisamos assistir ao aniquilamento de bois e vacas nos pastos e frigoríficos para saber como surge o almoço, nosso e dos pets a quem oferecemos abrigo, proteção e alimento. Nesse sentido, a visualização da dor, simbolizada pelos Beagles – como não querer levar para casa? – parece ter produzido uma revolta tardia. Como escreveu um amigo: como vocês achavam que eram feitos os testes de medicamentos? Com jacas?

A resposta pode ser bem melhor do que as que vêm sendo formuladas após o episódio. Por exemplo: transparência, monitoramento, redução do uso de animais e métodos para evitar a dor desnecessária são mais do que recomendáveis. Inclusive para a



produção de alimentos. Hoje, a imagem das empresas está diretamente associada à sua responsabilidade em relação ao meio – e, consequentemente, à sua capacidade de evitar desperdícios, o uso de trabalho infantil ou escravo e a ação agressiva ao ecossistema. O uso de animais em laboratórios passará pelo mesmo processo: quanto menos cruel o processo, mais chances de a pesquisa ser socialmente aceita. É o que vai separar os tempos futuros, de testes com células-tronco e outras inovações, com os tempos ancestrais, de sacrifícios, imolações e desprezo à vida,

“O episódio diz mais sobre o nosso encarceramento do que o dos bichos”.



qualquer forma de vida.

A se notar as manifestações sobre o episó-

dio, no entanto, ainda estamos longe desse salto civilizatório. Não que adorar animais seja sinônimo de desprezo a pessoas. Mas o precedente é, no mínimo, curioso. Em conversas, posts e artigos de jornais, o que se vê é a confirmação de um movimento, já citado aqui outras vezes, contraditório: a humanização dos animais e animalização do ser humano. Na crônica citada, recorri a uma sociologia de boteco para rabiscar uma explicação ao fenômeno: à medida que as cidades crescem, passamos a conviver cada vez mais em ambientes insalubres; esbarramos no trabalho, nas escolas, nas casas de vizinhos e outras instituições fechadas com todo tipo de competição, ganância, trapaça, preconceito e intolerância. Nesse ambiente, nos animalizamos e a ideia de lealdade se transforma em valor absoluto – e raro pelo contraste. Nessa, os cães ganham uma aura sagrada, mais ou menos como uma divindade indiana: são leais, amorosos, gostam da gente quase gratuitamente e não pulam o muro de casa para nos trair com o dono do cão vizinho. Os homens, nessa visão, são abjetos, pouco confiáveis. Elimináveis, portanto.

Nos jornais, como a candidatar-se ao Prêmio Relinha Brasil 2013 – expressão de outro amigo – houve quem escrevesse que, em vez de Beagles, a ciência usasse humanos em seus testes. Por exemplo, presidiários. Eles poderiam, chegou a sugerir a colunista, aceitar atuar como cobaias em troca da redução das penas. Não poderia ser mais clara: não aceitamos menos do que a humanização dos animais, mas não nos importamos com o estabelecimento de humanos de segunda categoria. Os Beagles estariam, assim, em uma categoria intermediária entre os brancos livres detentores de direito e os negros, pobres e mulatos, os únicos que afinal cumprem pena, sem serem dignos de pena, no Brasil – ainda que mofem em detenções insalubres sem o direito sequer de serem julgados. Franz Kafka, que no livro *A Metamorfose* transformou o personagem Gregor Samsa em um enorme inseto – seu alter ego desprezado por sua tuberculose, segundo a interpretação mais plausível – não iria tão longe. Séria ou não, a proposta, de apelo popular indiscutível, lançou as bases de uma nova categoria de indignação: a humanização seletiva. Os ratos deixados para trás na operação resgate em São Roque não poderiam se sentir menos prestigiados. ■

ESTILO





O guia do *slim fit*

Saiba diferenciar este estilo mais ajustado das roupas simplesmente apertadas, um erro que a maioria dos homens comete.

Por EDUARDO LAUTERT

Ao tentar adotar o *slim fit*, alguns homens cometem o erro de confundi-lo com roupas simplesmente apertadas. Não é a mesma coisa. Enquanto o primeiro é uma das tendências mais estilosas e modernas da moda masculina, o segundo é um verdadeiro deslize estético. O *slim fit* consiste em peças que se ajustam ao corpo, mas não que marcam suas curvas, como uma camiseta

ou uma calça pequenas fazem. É preciso tomar muito cuidado, pois as roupas apertadas não caem bem com nenhum tipo físico, mesmo que você seja magro ou musculoso. Pode-se dizer, portanto, que o *slim fit* é um meio termo entre o apertado e o folgado. Busque sempre este ponto, pois uma peça larga demais faz a pessoa parecer mais gorda e uma excessivamente justa te deixa com a aparência feminina ou, até mesmo, cômica. Selecionou algumas referências para ajudar a visualizar as diferenças. Confira a seguir.

Roupa apertada



O *slim fit* é um meio termo entre o apertado e o folgado

Slim fit







3 drinks para a primavera

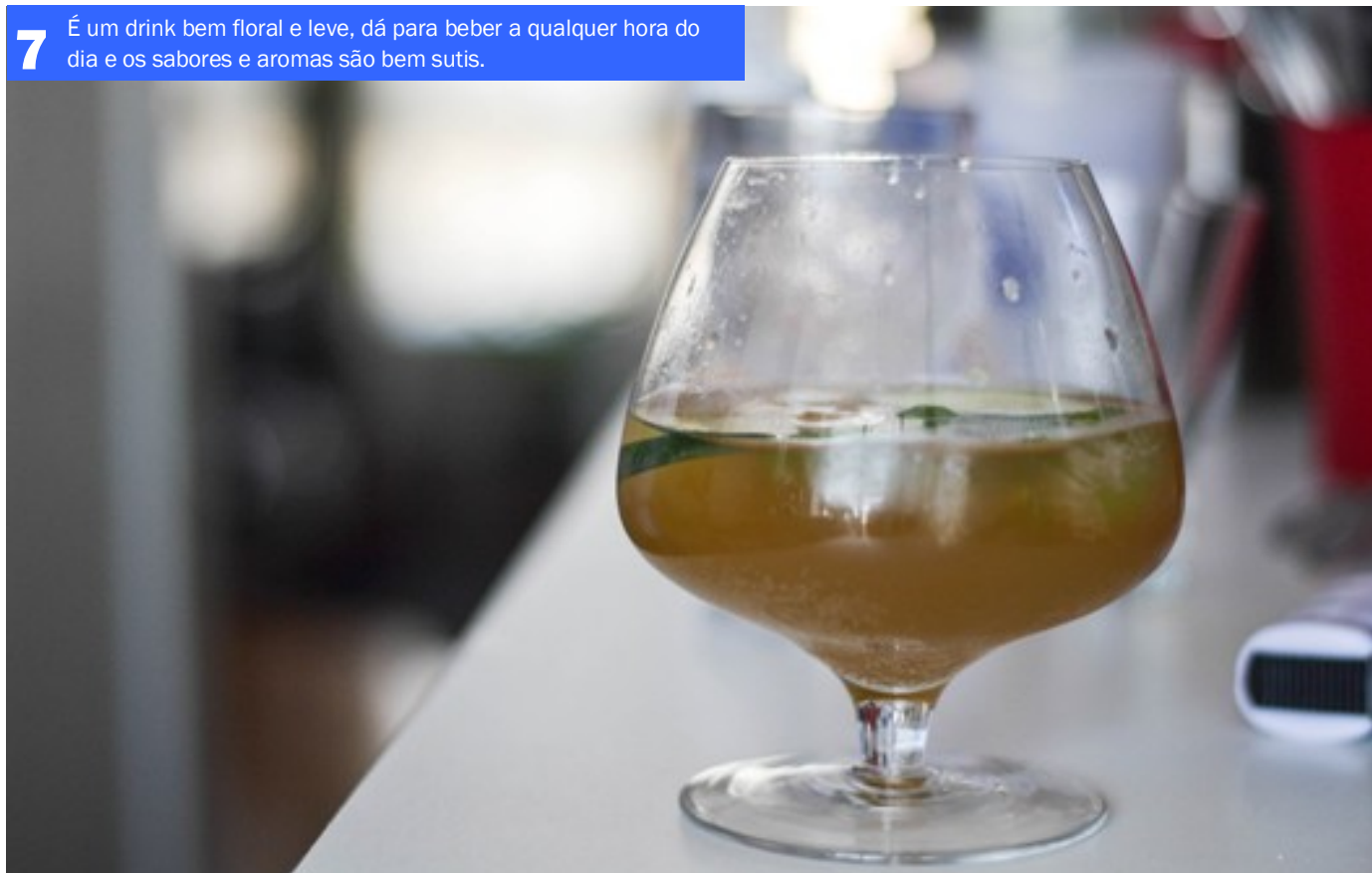
Fomos à casa do Dr Drinks descobrir o que é legal beber na estação mais colorida do ano.

Por JULIA BUENO

C

om menos de um mês para o começo da Primavera, aproveitei a segunda ensolarada e fui passar a tarde com o Dr. Drinks (um mago mixologista que abriu a casa - e várias garrafas de drink - para a redação do ObaOba). Minha missão era de descobrir quais são os drinks mais legais para fazer na estação e contar tudo pra vocês. Confira o resultado da tarde alcohólica, passo a passo:

7 É um drink bem floral e leve, dá para beber a qualquer hora do dia e os sabores e aromas são bem sutis.



Spring G&T

Ingredientes:

60ml de Gim
3 fatias de pepino
5 folhas de manjeriço
tónica

Passo a passo:

1. Corte o pepino e amasse ele e o manjeriço.
2. Adicione as duas onças (60ml) de Gim e umas gotinhas de Angostura Bitter (opcional, isso vai realçar o aroma do drink).
3. Bata, faça uma coagem dupla e coloque em uma taça balloon com gelo.
4. Complete o copo com tónica e adicione 2 fatias de pepino e folhas de manjeriço.

Dica: dê um tapa com a mão em conchinha no manjeriço para realçar o aroma dele.

Com o que combinar: saladas verdes harmonizam perfeitamente com esse drink, e macarrão ao pesto ou caprese (tomates com muzzarella de búfala, manjeriço e azeite).



Lavender White Lady

Ingredientes:

60ml de Gim
20ml de xarope de lavanda
1 clara de ovo
30ml de suco de limão siciliano

Passo a passo:

1. Misture o xarope de lavanda, a clara, o suco de limão e o gim (sem gelo) para dar consistência à clara.
2. Adicione gelo e bata de novo.
3. Coe e sirva em uma taça de 180ml com uma tirinha decorativa de limão siciliano.

Dica: para fazer o xarope de lavanda, faça um chá com 2 colheres (de chá) de flor de lavanda e 200ml de água, coe, acrescente 200ml de açúcar e mexa em fogo médio até ter uma mistura homogênea.

Com o que combinar: frutas silvestres vão muito bem com esse drink, salada de frutas e comidas leves, como peixe.

10

A clara de ovo pode até assustar, mas ela dá textura ao drink. Ele é mais encorpado e muito cheiroso, especialmente por causa da lavanda e do limão siciliano. Não dá vontade de parar de tomar. Nunca.

Bee's Knees

Ingredientes:

60ml de Gim
25ml de xarope de mel
15ml de suco de limão siciliano

Passo a passo:

1. Bata o Gim, o xarope e o suco de limão com gelo.
2. Sirva num copo doubleoldfashion com gelo e uma fatia de limão siciliano.

Dica: para fazer o xarope de mel, mistura partes iguais de mle e água e mexa até ter uma mistura homogênea. Se você puder, use um gelo bem grande, ou redondo, eles demoram mais para derreter e dão uma cara super legal ao drink.

Com o que combinar: por ser a melhor época para o mel (a primavera tem mais pólen, então o mel tem mais "flores" diferentes nele), fica bom com sobremesas com mel ou saladas de fru-



9

Também é um drink bem leve e com aromas sutis. O mel, apesar de doce, não é enjoativo e o suco de limão casa com ele muito bem.



Você é um *follow upper?*

A capacidade de monitorar todos os processos sob sua responsabilidade faz a diferença na carreira.

Por FLÁVIO EMÍLIO CAVALCANTI

T

udo estava acertado. Há cerca de 60 dias você havia fechado negócio com um fornecedor da empresa para que um determinado serviço fosse realizado. A confiança depositada no parceiro e o fato de ter um contrato assinado em mãos lhe fizeram dar uma relaxada e simplesmente aguardar o término do prazo, dedicando-se a outras atividades.

Mas, eis que no dia que o mundo corporativo costuma chamar de deadline, vem a frustração: o serviço não foi realizado. Não há nada para ver. O desgaste para todas as partes é inescapável. Dependendo da empresa, cabeças poderão rolar. Não há dúvidas. O fornecedor mostrou que não está à altura da sua empresa. Mas ele não foi o único a falhar. Em que mundo estava o gestor do contrato?

Por que não acompanhou o que estava previsto para acontecer no prazo de execução do serviço? Contatos por email, telefone ou mesmo visitas in loco, demonstram que a empresa “está de olho”, atenta e interessada em eficiência e eficácia. Daí vem um termo bem tradicional chamado supervisão – um olhar mais intenso, ampliado, detalhista de todos os fatos.

A mesma conduta se aplica aos líderes de equipes. Não há como gerenciar baseado em suposições ou apostas. Profissionais que têm a singular habilidade de monitorar todos os processos e procedimentos sob sua responsabilidade, são chamados de follow uppers. Para eles não existe esquecimento, relaxamento, confiança cega. Estão atentos e ligados em tudo. Afinal de contas, responsável é aquele que responde, não é mesmo?

Para se tornar um follow upper, é necessário ter um registro de tudo que está acontecendo dentro e fora das fronteiras de seu campo de visão e que tenham relação com seus resultados. Para isso, vale usar planilhas, softs de gestão de projetos, cadernos ou qualquer outro recurso que armazene de forma eficiente a informação. Não recomendo usar a sua memória – afinal de contas, ela de vez em quando falha e acabamos “esquecendo” compromissos e datas importantes.

Além dos registros, é preciso ter habilidade de cobrar. Os grandes follow uppers são implacáveis em requerer o cumprimento dos compromissos, mas cuidadosos para não deteriorar relacionamentos. Não se consideram centralizadores, mas procuram deixar claro que estarão acompanhando de perto a operacionalização de tudo. Para o executor, a certeza que fica é que o responsável está no controle, por isso, não há como relaxar, procrastinar ou mesmo enganá-lo com desculpas vazias.

Que tal deixar de ser expectador e virar follow upper? Lembre-se que o mundo corporativo valoriza e reserva boas oportunidades para os que se sentem “donos” do que fazem e não abrem mão de garantir a concretização daquilo que foi planejado. ■

ENTREVISTA



‘Meu livro vai voltar’

Paulo César de Araújo fala sobre sua biografia de Roberto Carlos e sobre o Procure Saber e diz que, com mudança na lei, seu livro poderá voltar.

Por LUAN FLAVIO

A polêmica em torno das biografias não-autorizadas ganha novos capítulos a cada dia e parece que não arrefecerá tão cedo. Nas últimas semanas, Gilberto Gil, Chico Buarque, Caetano Veloso, Djavan e outros artistas se pronunciaram contrários à publicação de biografias sem o prévio consentimento dos biografados, o que suscitou uma ampla discussão sobre os limites dos direitos à privacidade e da liberdade de expressão. No cerne do debate está o célebre episódio da proibição da biografia de Roberto Carlos, escrita pelo jornalista e historiador Paulo César de Araújo. O livro Roberto Carlos em Detalhes foi publicado em 2006 e, alguns meses depois, foi retirado de circulação por decisão judicial, após processo movido pelo cantor.

Para escrever o livro, Araújo levou mais de 15 anos pesquisando a vida de Roberto Carlos e realizou 250 entrevistas. Uma delas ganhou notoriedade especial durante a troca de farpas entre biógrafos e artistas. Chico Buarque, que está na lista de entrevistados divulgada pelo autor, garantiu que nunca havia falado com Araújo. Horas depois, o jornalista o desmentiu e divulgou as fotos e o vídeo da entrevista, realizada em 1992. Chico voltou atrás e se desculpou, mas manteve a postura contrária às biografias não-autorizadas.

No último domingo, em entrevista ao Fantástico, Roberto Carlos indicou uma possível mudança de discurso. Nela, o “rei” afirmou ser favorável ao projeto de lei que altera os artigos do Código Civil que restringem a publicação de biografias e anunciou estar escrevendo um livro contando, ele mesmo, a sua própria história. Conversamos com Paulo César de Araújo sobre as recentes declarações de Roberto Carlos, o controverso processo que retirou seu livro de circulação, acordos entre biografados e biógrafos e a possibilidade de Roberto Carlos em Detalhes voltar às prateleiras das livrarias.

Roberto Carlos concedeu uma entrevista ao Fantástico no último domingo, apontando uma mudança, ainda que não total, na postura que ele mantém em relação às biografias não-autorizadas. Ele, inclusive, disse que é favorável ao projeto de lei que retira do Código Civil o artigo 20, no qual ele se baseou para proibir a biografia Roberto Carlos em Detalhes. É realmente um novo posicionamento do cantor?

Eu não entendi as manchetes que foram publicadas no dia seguinte. Disseram que ele é favorável às biografias não-autorizadas, mas, na verdade, ele disse que é favorável, mas com restrições, sentando pra conversar. Ou seja, ele é favorável às biografias autorizadas e não às não-autorizadas. O projeto de lei defende a livre divulgação de biografias. Ele basicamente disse a mesma coisa de sempre, mas com outras palavras. A única coisa que ele avançou foi em relação ao meu livro. Até essa última entrevista, ele sempre havia dito que era radicalmente contra a publicação dele. Quando a repórter lhe perguntou diretamente sobre Roberto Carlos em Detalhes, tive a impressão de que ele pensou por uns cinco segundos e respondeu que poderíamos conversar, eu e ele. Essa é a única novidade.

Você está disposto a discutir algum acordo com Roberto Carlos?

Mas ele não disse que tipo de acordo ele quer. Ele não disse o que o incomodou no livro e ainda falou sobre o acidente que sofreu na infância e o fez perder parte da perna. Claro que estou disposto a conversar, sempre estive, ele que nunca quis. Ele é uma pessoa supersticiosa, pode ser que queira mudar a capa, a cor do livro, a fonte da letra. A gente não tem ideia. Ele não falou! A gente só vai se saber se sentar pra conversar, até pra saber o que é. Ele mesmo me ensinou isso por meio de suas músicas. [Cantando:] “Não importam os motivos da guerra/A paz ainda é mais importante que eles”... “Quem me dera que as pessoas que se encontram/Se abraçassem como velhos conhecidos/Descobrissem que se amam/E se unissem na verdade dos amigos”... Apreendi com ele, gostaria de praticar. Ele que não quer.

Roberto Carlos propôs um “equilíbrio” entre biografados e biógrafos, algo a ser discutido antes da publicação dos livros. Você acha essa uma exigência razoável?

Claro que não. O que está sendo discutido é isso. É esse o debate. É contra isso que estamos lutando. Lutamos pela liberdade de expressão sem restrições. Se os biografados se sentirem caluniados, eles que procurem a Justiça, que vai decidir se eles estão certos ou não.

Roberto Carlos também disse que está escrevendo uma autobiografia. O que se pode esperar dela?

Ele diz que está escrevendo essa biografia há trinta anos. Ele diz isso desde os anos 1980, eu tenho tudo isso arquivado. Ele disse isso em entrevistas e em coletivas em 1997, 2004, 2007, 2009... Essas são as que eu lembro de cabeça. Nisso não teve novidade, exceto uma: ele vinha dizendo que o biógrafo seria o jornalista Okky de Souza. Essa informação ficou no site dele muito tempo. Ele chamou esse jornalista de “amigo”. Na entrevista para o Fantástico, Renata Vasconcellos perguntou: “quem terá a benção do rei?”. Ele falou: “eu”.

Em 2007 a Justiça decidiu que todos os

onze mil exemplares de Roberto Carlos em Detalhes fossem retirados de circulação e levados para uma propriedade do cantor, que poderia tanto reciclar o papel como queimar todos os livros. Historicamente, relatos de fogueiras feitas com livros só podem ser encontrados em momentos de extremo fanatismo religioso, despotismo ou na ficção do Ray Bradbury, no livro Fahrenheit 451. Você acha que o Roberto Carlos é uma religião hoje no Brasil?

Roberto é uma instituição nacional. Eu prefiro ver assim. Por isso que ser processado por Roberto Carlos é algo difícil. A sensação que eu tenho é a que teria se estivesse sendo processado pelo Carnaval brasileiro, pela Seleção ou pelo bumba-meu-boi. É um peso. Mais que um cantor, um compositor, ele é uma instituição nacional. Claro que a intenção dele, inicialmente, era destruir os livros, queimá-los, isso o próprio advogado dele falou. Mas no momento que ele apreendeu o livro, houve toda uma pressão da imprensa falando do absurdo de tudo aquilo, e ele acabou recuando. Decidiu guardá-los em um depósito particular, acho que em Diadema, onde ele guarda os instrumentos musicais. Deve ter um velhinho lá cuidando desses livros. Imagine: o livro está na internet, qualquer um pode baixar, qualquer um lê, e tem lá um vigia, um velhinho, cuidando de onze mil livros que ele apreendeu em 2007. Perguntaram para Roberto Carlos, acho que em 2010, sobre os livros. Ele falou: “estão em um lugar que não me incomoda, talvez eu os guarde para sempre”.

Por que artistas como Caetano Veloso, Djavan e Chico Buarque, que sequer têm biografias publicadas, se associaram contra a publicação de biografias não-autorizadas?

Poxa, essa é a pergunta que não quer calar. Como é possível isso? Porque, de certa forma, Roberto Carlos a gente até entende. Ele tem pouca intimidade com o objeto livro. Roberto Carlos faz parte daquele segmento da população brasileira que não adquiriu o hábito de ler. Nos seus momentos de lazer, Roberto prefere ver televisão, Big Brother, novelas. Agora, Caetano, que escreveu Verdade Tropical, Gil, que é ex-ministro da Cultura, Chico Buarque, que mais que leitor, é autor de livros... Como é possível que esses artistas, a essa altura da vida, se juntaram a Roberto Carlos com o objetivo de censurar biografias? É impressionante. Eu te confesso que quando surgiu a notícia de que o Roberto estaria no Procure Saber, eu falei: “que bom, Roberto vai conviver com um pessoal progressista, quem sabe não sai dali com novas ideias?”. Roberto Carlos vive nesse mundo mais financeiro, [rodeado de] empresários. Mas, para a minha decepção, aconteceu o contrário. Roberto Carlos que influenciou Caetano, Chico e Gil.

O Djavan disse que editores e biógrafos “ganham fortunas” ao publicar e escrever biografias. Você acha que acordos financeiros entre escritores e artistas são uma reivindicação justa por parte deles?

Claro que não, isso aí é uma aberração. Isso é imoral. Você imagina, o escritor trabalha com temas e, no caso de um biógrafo, com personagens reais. Roberto Carlos foi apenas tema do meu livro,

“Claro que estou disposto a conversar, sempre estive, ele que nunca quis. Ele pode querer mudar a capa, a cor do livro, a fonte da letra”.

o trabalho é meu, a criação é minha, a construção de tudo aquilo é minha. Ele mesmo faz canções usando temas. Ele usa, por exemplo, Jesus Cristo, que é uma figura coletiva da humanidade, como tema numa canção. Nossa Senhora, a mesma coisa. A música é dele, o trabalho é dele, então os direitos autorais também devem ser dele. Por isso eu acho que não tem sentido essa cobrança que Djavan explicitou. Ele pensou apenas nele, artista, como se a lei pudesse existir só para os artistas. Ele não pensou que a lei tem de ser geral. Uma visão fechada muito neles próprios.

Você já contou que a audiência que acabou por retirar Roberto Carlos em Detalhes das livrarias foi uma "aberração". Segundo o seu relato, o juiz ameaçou você e a editora Planeta, enquanto adulava Roberto Carlos. O que exatamente aconteceu naquelas mais de cinco horas de audiência?

Foi uma aberração porque, em tese, aquilo era uma audiência de conciliação, mas o que houve foi uma audiência de condenação ao livro Roberto Carlos em Detalhes. O juiz, desde o primeiro momento, se manifestou francamente favorável à uma parte, a de Roberto Carlos. Toda a audiência foi no sentido de censurar o livro.

É verdade que o juiz deu um disco que ele gravou para Roberto Carlos ouvir?

O juiz é cantor e compositor. No final da audiência, para nossa surpresa, ele falou: "olha, Roberto, eu também sou cantor, compositor, gravei meu primeiro disco, estou gravando o segundo, e gostaria que você ouvisse". Ele deu também o disco para mim. Ele distribuiu o disco. Roberto foi o primeiro a receber. Depois, ele tirou uma foto com Roberto. Mas o mais grave não foi ele ter dado o disco, mas ameaçar fechar a editora Planeta. O acordo aconteceu por ele ter feito essa ameaça. A Planeta ficou com medo quando ele disse que já estava com a ordem para fechar a editora na segunda-feira. Isso o que estou dizendo a própria Planeta escreveu em um documento, justificando a razão de ter feito o acordo.

Você acha que o desfecho seria diferente se um advogado tivesse representado apenas você e não a editora?

Com certeza. Se eu estivesse ali com um advogado próprio, só meu, acredito que pudesse ter sido diferente. Os advogados eram da Planeta e eles, na prática, em nenhum momento, me perguntaram nada na audiência. "Você quer isso, Paulo?", "você não quer?"... Eles ficavam ali entre eles, com o diretor geral da Planeta. Os advogados não teriam receio pela ameaça do juiz de fechar a editora. Eu fiquei, literalmente, abandonado naquela audiência. Eu nunca tinha participado de uma audiência de conciliação, nunca tinha sido processado na vida.

Roberto Carlos em Detalhes foi publicado no dia 2 de dezembro de 2006 e nove dias depois o cantor anunciou que o assunto estava nas mãos dos advogados dele. Você sabe se ele leu o livro todo em tão pouco tempo?

Eu acho que não. O livro foi lançado no dia 2, ele reclamou publicamente do livro no dia 11, numa coletiva, anunciando que o caso estava nas mãos dos advogados dele. O processo foi oficializado no dia 9 de janeiro e o livro foi proibido em fevereiro. Foi tudo muito rápido, de um mês para o outro. Essa conversa de que

a Justiça é muito morosa... Ela é morosa para nós, para mim, para você. Para uma figura como Roberto Carlos, a Justiça é rapidíssima. Você me perguntou se acho que ele leu o livro. Só posso afirmar as coisas baseado no que ouvi dele e dos advogados. Depois da proibição do livro naquela audiência, o repórter perguntou para o advogado dele: "doutor Marco Antônio Campos, Roberto leu o livro?". Ele falou: "não, até agora Roberto não leu o livro, nós lemos e apontamos alguns trechos para ele". O próprio Roberto, lá na primeira coletiva, disse que não tinha lido o livro. Disse que estava descontente, chateado, triste, mas que não tinha lido o livro ainda. Se leu desses anos, isso eu não sei. O fato é que ele me processou e proibiu meu livro sem tê-lo lido.

O que você acha que desagradou tanto ele?

Eu acho que não foi nenhum trecho específico. Roberto não vai ficar preocupado porque o livro narra o encontro dele com Maysa ou com Sonia Braga, coisas que ele está mais do que acostumado a ouvir falar, a ler em revistas. Eu acho que o que o incomodou foi a existência do livro não autorizado, uma biografia que chegou com força no mercado, que foi capa de todos os segundos cadernos e revistas do ramo. Desde 1965, ano em que Roberto lançou "Quero que Vá Tudo Para o Inferno", a luz não acende se ele não manda acender, não apaga se ele não manda apagar. Ele é uma figura obsessiva-compulsiva. Tudo acontece sob o controle dele. A Globo quer fazer algo... "Não, não quero assim, quero assado." O Canecão quer fazer um show... "Não, não quero assim, quero assado." Ele vive assim pelo menos desde 1965, nessa redoma, com tudo sob controle. De repente, surge um cara que ele não conhece, escreve sobre a trajetória dele numa obra de fôlego de 504 páginas. Claro, os advogados tiveram que colocar um trecho ou outro, mas o fundamental para Roberto foi que ele não queria o livro dessa forma. Isso ele falou depois: "a minha história é um patrimônio meu, eu que devo contar a minha história quando eu quiser". Por isso ele pediu não só a proibição, como também 500 mil reais por dia e minha prisão por um tempo superior a dois anos.

Você está junto a um grupo de escritores que está sendo representado pela Anel, que move uma Ação Direta de Inconstitucionalidade no Supremo Tribunal Federal, pela mudança do artigos 20 e 21 do Código Civil, que limitam a publicação de biografias. Caso esses artigos sejam considerados inconstitucionais, Roberto Carlos em Detalhes pode ser publicado?

Vamos fazer isso. Mudando a lei, fica mais fácil. Roberto Carlos em Detalhes saiu de circulação por causa de um acordo. A editora Planeta, temendo pagar a alta indenização que Roberto cobrava, se comprometeu a não editar mais o livro. Qualquer outra editora que não fez acordo com o Roberto pode publicar o livro. Ele só não é publicado porque existe essa brecha na legislação. Acredito que tirando essa brecha, a qual Roberto Carlos se agarrou para proibir meu livro, fica mais fácil. E aí a luta continua. A intenção é essa. Eu não tenho dúvida em dizer que mais cedo ou mais tarde o meu livro vai voltar. O que me ensina isso é a própria História. Quantos livros já foram proibidos, queimados, e estão aí hoje, à disposição de qualquer um em livrarias e bibliotecas? ■

Bárbara Evans

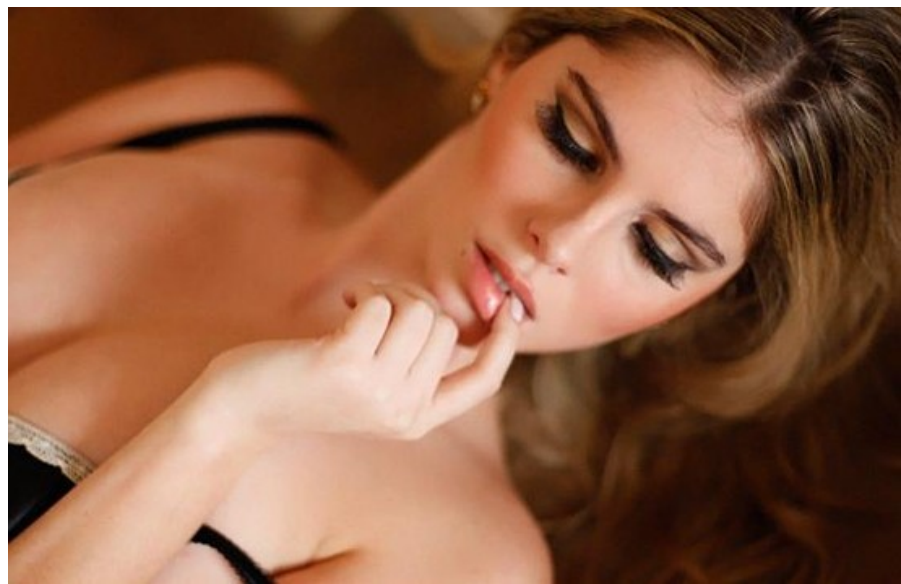
A close-up photograph of a person's legs, likely a woman, sitting in a plush red velvet chair. The person is wearing black high-heeled shoes and white stockings. The background is a dark, textured surface, possibly a wall or curtain, with a subtle pattern. The lighting is soft, highlighting the texture of the velvet and the smoothness of the stockings.





















PAPARAZ






É culpa do homem?

Por que as mulheres fingem o orgasmo? Para ginecologistas, sociedade não estimula a mulher a conhecer sua sexualidade como acontece com o homem.

Por BRUNNO KONO

38 revistabecool.blogspot.com



A reclamação é comum aos ouvidos de Carolina Ambrogini: meses ou anos em um relacionamento sem nunca ter atingido o orgasmo durante a relação sexual. “Tem pacientes mais velhas que me procuram, mas acho que é coisa das mulheres mais novas, por volta dos 25, 30 anos. Já tiveram experiências e à medida que não conseguem, pensam se têm algum problema. Já as mais velhas se resolveram, amadureceram e passaram a ter [orgasmos] ou desistiram e pronto”, diz a ginecologista e coordenadora do Projeto Afrodite, do Departamento de Ginecologia da Unifesp.

“É uma falta de conhecimento, de intimidade, com o próprio corpo. Faz com que ela tenha essa dificuldade de ter sensações prazerosas. Para que aconteça a excitação é preciso sair um pouco do mundo concreto, se deixar levar por essas sensações, fantasias. A culpa, se é que podemos chamar assim, é mais da mulher, acredito eu”, diz Carolina.

“É uma falta de conhecimento, de intimidade, com o próprio corpo. Faz com que ela tenha essa dificuldade de ter sensações prazerosas. Para que aconteça a excitação é preciso sair um pouco do mundo concreto, se deixar levar por essas sensações, fantasias. A culpa, se é que podemos chamar assim, é mais da mulher, acredito eu”, diz Carolina.

A ginecologista afirma ainda que a inibição, citada por Amaury, faz com que muitas mulheres não consigam se masturbar.

Amaury fala em questões “biopsicossociais”: “Pode ter um problema metabólico, disfunção hormonal, algo que atrapalha a percepção e sensibilidade; pode ser psicológico, ela não se sente bem com o corpo, se sente feia; e pode ser social, coisa da criação. Quando falamos de entrega, desejo e orgasmo, a mulher é muito mais complexa do que o homem. Se ela tiver um companheiro interessante e interessado, as coisas caminham”.

O QUE O HOMEM PODE FAZER? PERGUNTAR

Se você, homem, se apressou em colocar a culpa logo na “sociedade” e tirar o corpo fora, é aconselhável não cruzar os braços e esperar a companhia consultar uma especialista. “O que ele pode fazer é perguntar. Às vezes a mulher tem dificuldade de falar, de perguntar se está bom, se está gostoso. Outra coisa é investir nas preliminares. A parcela de culpa do homem nisso é que ele quer ir logo para a penetração. Ele precisa de mais investimento no sexo oral, em outras coisas que facilitam o orgasmo feminino”, diz Carolina.

A coordenadora do Projeto Afrodite revela que algumas pacientes que a procuram dizer que conseguem atingir o orgasmo sozinhas, mas não com os parceiros por conta de uma “dificuldade

de entrega, de confiança”: “O orgasmo é a perda de controle, mulheres controladoras se deixam levar por essa coisa de perda”.

“Tem que ter esse descontrole. É um desequilíbrio de sentimentos. Os franceses chamam de ‘la douce mort’ (a doce morte, em tradução literal)”, diz Mendes.

Amaury acredita que a perda de controle neste momento, “deixar de ter o comportamento padrão, gritar, ferir os costumes morais de alguns caras de gerações anteriores” pode ser visto como algo “perigoso” pelas mulheres. “O comportamento padrão é embasado em protocolos familiares de que não pode ter sexo oral, sexo anal. Tem casais que até hoje o sexo é protocolar, quase que reproduzido”, completa.

FINGIR OU NÃO FINGIR? COMO IDENTIFICAR

“A gente se depara com esses dilemas. A mulher diz que sempre fingiu e agora não sabe como vai falar para ele”, conta Carolina. Questionada se há maneiras do homem identificar isso para abrir um diálogo entre o casal, ela ri, mas dá algumas orientações: “Se ela está pouco lubrificada, pode significar que não está muito excitada, e ele pode ter uma ideia por aí. Depois do orgasmo dá uma sensação de relaxamento, pode ser que ela continue ‘pilhada’, insatisfeita porque não conseguiu. Tem homem que consegue saber, mas é difícil. Uma pessoa pode fingir bem, como a Meg Ryan”.

Ao mencionar a atriz norte-americana, Carolina faz referência a uma cena clássica do cinema. Em “Harry & Sally – Feitos um Para o Outro”, o personagem de Billy Crystal diz que nenhum mulher jamais fingiu um orgasmo com ele. Meg, sentada à sua frente, questiona como ele sabe disso. “Porque eu sei”, ele rebate. Para provar seu ponto, Meg passa a simular que está tendo um orgasmo, no meio de uma cafeteria.

Parar para pensar no meio de uma relação sexual se a companhia está fingindo não é a tarefa mais simples, mas caso interesse, Amaury passa outros detalhes das reações do corpo feminino ao orgasmo. “A vagina sua, tem uma secreção bem tensa que até escorre pela perna, toda a musculatura do corpo se contrai, aparecem pequenas manchinhas vermelhas no tórax e no rosto, tem também uma película de suor frio nessas regiões, o coração dispara, a respiração fica ofegante, e o momento de recuperação depois disso. E se ela for convenientemente estimulada, não vai ter o período de latência que o homem tem.”

Mas, ao invés do casal brincar de caras e bocas na hora do sexo, Carolina Ambrogini sugere algo mais simples: a conversa. “Todo mundo quer mostrar segurança, mas ninguém nasce sabendo fazer sexo. As pessoas aprendem com a experiência. As mulheres querem passar a ideia de que o cara vai leva-las para rua, e os caras querem acreditar nisso. A gente insiste bastante no estímulo ao diálogo.” ■

Uma cena banal



Esta manhã fui fazer minha caminhada matinal (finalmente estou conseguindo dar à velha carcaça aquilo que o Dr. Laércio me exige). Passo por um imenso terreno baldio onde moram quatro cachorros. Estão lá sempre brincando, perseguindo-se, as línguas de fora. Uma de suas diversões é correr atrás de automóvel. Voltam felizes para casa por terem expulsado aquele monstro para longe. Com pessoas são muito cordiais. E são gordos, quem diria, de aparência saudável.

Depois do terreno onde os cachorros moram, ainda existe uma meia dúzia de casas, então termina o asfalto e começa a estrada de terra. À esquerda fica uma ladeira coberta de mato. Um mato rasteiro, onde muitas vezes os cachorros somem, mas é mato. À direita, a terra arroteada para receber aqueles pedaços de cana, que servem de semente.

Tinha andado uns quinhentos metros pela estrada de terra quando um dos cachorros pulou na estrada com o focinho muito perto do chão. Nem me olhou. Atravessou a estrada, agitado, cheio de pressa, escalou o barranco e continuou com o focinho atento a algum cheiro. Pareceu perder-se no terreno, voltou, reencontrou o rastro (só podia ser um rastro) e se aproximou de uma pequena malha de capim e uma confusão de outras pe-

quenas plantas.

Então parou, a pata direita dianteira dobrada no ar, o rabo em riste, o olhar fixo. Alguns segundos nessa posição. Súbito ele flecha na direção da pequena malha de mato e dali, num salto formidável, pula no meio da estrada uma preá. Mal toca no chão, no entanto, já está na boca do cachorro, cujo salto foi ainda mais formidável. Sua cabeça foi sacudida violentamente, a presa na boca. Pulou de volta para o mato e foi completar seu serviço.

Esta cena me lembrou o Adamastor, amigo meu que já foi até gigante no extremo sul da África, segundo um poeta que tem toda minha consideração. Pois meu amigo, o Adamastor, chegou aqui em casa com ar muito abatido. Sentou na cadeira que lhe indiquei, aceitou o cafezinho que lhe ofereci, e começou o desabafo. Estou lendo o Schopenhauer, ele disse, e

descobri que ele tem razão: a felicidade não existe senão em gotas.

Eu adverti que o café estava esfriando, mas ele não me ouviu. Todos os seres estão em permanente guerra por matéria, ele continuou. E é impossível a satisfação. Há sempre algo mais a ser desejado. Muito didaticamente explicou que o filósofo criou uma hierarquização dos seres, sendo os últimos da fila os seres em estado bruto, a matéria sem vida. Em seguida os seres vivos, divididos em vegetais e animais. Os vegetais sendo inferiores aos animais; e os animais tendo como grau mais elevado o homem.

Pior ainda, ele gemeu, tudo é comandado pela vontade. E a vontade nunca é plenamente satisfeita. Apenas duas possibilidades de um ser curtir a felicidade: a contemplação estética, porque é desinteressada (vencendo a vontade), mas por muito pouco tempo; e o ascetismo total, a vitória sobre a vontade. Só no abandono do desejo, inclusive de viver, o ser humano consegue uma felicidade permanente.

Disse a ele que seu café já estava frio, e o Adamastor levantou-se, saindo sem se despedir. Tudo isso por causa do combate permanente dos seres por matéria.

MENALTON BRAFF é ex-professor e escritor.

A minha manhã



x16910350 fotosearch.com

As 6h15, minha filha me acorda. Havia prometido preparar-lhe de café da manhã ovos quentes com ovas de peixes – lumpfish.

Não que ela não saiba preparar, mas queria lhe mostrar como fazer uso de um artefato de porcelana, inglês, o qual você unta, abre os ovos, fecha com uma tampa de rosca e coloca em banho-maria. Fazia tempo que não usava a peça e juntos fizemos o teste e marcamos os minutos.

Aberto o pequeno pote, coloca-se uma colherada de ovas. Já tive oportunidade de dizer que é, provavelmente, a melhor coisa para se comer pela manhã.

Enquanto a pequena, com alegria, começava o seu dia, eu temperava um pernil de cordeiro. Nada de extraordinário, além de

meia garrafa de um vinho Bordeaux.

Alhos enfiados ao longo da peça, um pouco de pimentarosa moída, alguma cebola picada, uma folha de louro, sal, fogo brando e o menino coberto por uma folha de alumínio. Tomo um café preto, leio nada de novo no jornal e volto para a cama.

De qual parte você sentiu mais inveja? Aposto que dessa: voltar para a cama, em um dia frio.

Às 9 estava em pé novamente e, quando as nove badaladas e meia se fizeram ouvir, fui ao forno, tirei a cobertura e virei a peça. Quantos cheiros! O cão, que até então morgava, acordou e colocou-se de prontidão.

Às 10h30, lá estava eu, com luvas protetoras, retirando o pirex do forno. O cão estava à beira de fazer uma

bobagem. Sair com o pernil nos dentes. Conteve-se.

Os dois grandes ossos soltaram-se com admirável desprendimento. À medida que ia fatiando o membro do tal, meu canto de olho foi encontrar um pãozinho francês fresquinho de tudo na cestinha que lhe serve de morada na parte da manhã.

Sim, foi justamente isso que fiz: abri o pão, joguei algumas fatias lá dentro e cobri com uma colherada do molho. O cão ganhou sua parte, mais seca, sem o molho. Passei por lá não faz muito e ele continua na vigília. Será recompensado.

A dúvida: no almoço vou finalizá-lo com uma farofa, com um cuscuz ou com -arroz e feijão-branco? Pois é, meus caros. A vida tem sido difícil.

MARCIO ALEMÃO é colunista de gastronomia de CartaCapital.

ATIVISTAS RESGATAM 178 BEAGLES USADOS EM TESTES



BeCool

Editor e curador: Gui Adn

Redação: Mônica de Souza.

Fontes: iG, Terra, El Hombre, CartaCapital, Paparzzo, YouTube, Adorocinema, Livraria Saraiva e Folha de São Paulo.

MAIS
+

REVISTAS

Mais Revistas

Rua Paulo Robell, 53, casa 1, São Paulo, SP.

CEP: 04160-160

Contato apenas por e-mail: adngui@gmail.com



RevistaBecool



@becoolmagazine

BeCool

